



Peripécias Analógicas: Descoberta, experimentação e vivência do ato de “queimar o filme”¹

Sarah Emanuelle Marques PEREIRA²
Marina Muniz MENDES³
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

No mundo da fotografia o desenvolvimento do aprendizado, alinhado ao conhecimento assimilado na universidade nas aulas, nas aulas práticas com câmeras digitais, saídas fotográficas entre outras experiências estimularam a busca por mais conhecimento na área. A curiosidade ampliada no processo de educação em fotografia resultou no trabalho que detalha as peripécias vividas por alguém que nasceu quando o início da fotografia digital começava e busca hoje, incessantemente, o contato com uma prática quase extinta. Aventuras, descobertas, necessidades, desapontamentos, entre outras condições fazem parte do estudo sobre o ato de “queimar o filme”.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia analógica; experimentação; nostalgia; vernacular.

INTRODUÇÃO

Com a Eastman Kodak Company, mais conhecida como apenas Kodak, em 1888 lançando a primeira máquina fotográfica (que levou o nome da própria marca) foram legítimas as diversas possibilidades sobre o assunto fotografia. O filme fotográfico ou película fotográfica, antes apenas em preto-e-branco, ganha também negativos em cores atribuídos a ampliações em papel especial.

ABORDAGEM HISTÓRICA

A fotografia despertou na primeira metade do século 19 com a premissa de revolucionar as artes. A inspiração inicial partiu das câmeras escuras (apetrecho constituído por uma caixa com paredes escuras, opacas, com um orifício no meio de uma das faces; um objeto é posicionado de forma que a luz atravesse de um lugar externo para o orifício atingindo a parte interna da caixa onde é reproduzida a imagem

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Graduanda do Curso de Comunicação Social com Bacharelado em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Goiás, email: sarahamarques@hotmail.com

³ Orientadora do Trabalho e Professora do Curso de Comunicação Social com Bacharelado em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Goiás, email: marinamunizmendes@gmail.com



invertida e simétrica) e seu princípio básico para fotografia. Os espelhos foram fundamentais até nas artes plásticas auxiliando no trabalho, mesmo com seu tamanho e peso que dificultava a locomoção.

O processo químico para formação da imagem se baseava em uma placa de estanho coberta com um componente sensível à luz chamado betume. Outras experiências com ácidos e outros elementos foram testadas porém todas sem muito sucesso, visto a dificuldade relacionada a demora de exposição da fotografia e a fixação da imagem, muitas fotos não resistiam ao tempo e luz e se desfaziam.

Aliando o betume aos sais de prata, Joseph Niépce (1765-1833) conseguiu obter imagens tendo a descoberta o nome de Heliografia, batizada pelo inventor. Daguerre (1787-1851), trabalhava em um esboço que consistia em um fundamento parecido com o do também francês Niépce, o Daguerreótipo.

Uma série de outros inventores realizaram o experimento e obtiveram sucesso, fato que provocou protesto pelas partes que questionavam a respeito da descoberta da fotografia. Os temas eram variados desde naturezas-mortas, pessoas mortas (costume que era comum entre as famílias do século XIX), acontecimentos históricos apoiando matérias em jornais como o *The Illustrated London News* que relatou um incêndio de cinco dias que devastou a cidade. Perdem tamanho e peso os materiais usados para fotografar, o que facilita e permite novas possibilidades de conteúdo a ser feito.

Mais tarde, em meio a muitas manifestações direcionadas e descobrimentos acontecia a primeira exposição dedicada exclusivamente à fotografia, inaugurada em Londres na *Society for the Encouragement of Arts, Manufactures and Commerce* em 1852. De acordo com o censo britânico de 1861 são listados um total de 2.879 fotógrafos, agora a fotografia se estabelece como profissão. Com o slogan: “Você aperta o botão, nós fazemos o resto.” a Kodak lança sua primeira câmera.

Em 1907, o primeiro processo fotográfico colorido viável, o autocromo Lumière, é lançado na França. Na mesma década nasce a câmera portátil Leica I abrindo a viabilidade para novos panoramas relacionados a independência do fotógrafo amador.

Mas a fotografia levaria a pintura e as artes à extinção? E como se define, ciência ou arte? Ou ambos?

“A atividade artística, enfim, era vista como algo intimamente ligado à *autoria*, enquanto a fotografia, atividade regida por um instrumento mecânico e pelas leis da ótica e da química, nada mais fazia, segundo essa visão, do que registrar, com fidedignidade, a realidade através da luz, sendo-lhe negada qualquer tipo



de intelectualidade, de criatividade e interpretação.(...)Já que a arte era, conceitualmente, criação, e a fotografia era considerada mero registro fidedigno da realidade, isenta, portanto, de qualquer indício criativo, passava esta a ser excluída do círculo artístico(...)” (BRAUNE, 2000, p.12)

O índice fotográfico fica descaracterizado com a afirmação, partindo da significação da fotografia não apenas como mimese.

Segundo Fernando Braune (2000), em sua obra *Surrealismo e a estética fotográfica*, a fotografia é o referente, específico do seu meio. A fotografia pode ser inserida em qualquer categoria sem se afastar de seu referencial. Como exemplo do Surrealismo na fotografia, Man Ray é um dos principais colocutores e um caso onde a fotografia e as artes se unem na frente de propostas em comum

ATITUDE FOTOGRÁFICA

A prática fotográfica está cada vez mais difusa com toda possibilidade comunicacional e imagética possibilitada pela evolução tecnológica onde o “espaço real é substituído pelos espaços virtuais”, cita Antônio Fatorelli (2000). Os clichês e a irrelevância fazem parte de um mundo em que a fotografia é descartável. Segundo Antônio Fatorelli (2005) existem três modalidades que caracterizam os principais momentos da prática fotográfica. Um deles é o atual, absoluto nas aplicações digitais; a segunda metade do século 20, com os estudos acerca do olho humano e o estudo da física, química para produção de aparelhos e apetrechos; e entre os anos 20 e 50 que foram marcados pela análise do inconsciente e da estética purista.

Entre as principais referências para o estudo da fotografia analógica destaco a minha experiência como a fotografada. Minha mãe com sua câmera Kodak Star 735 registrava tudo o que podia e mais um pouco do meu crescimento. São vários álbuns repletos de fotos e muitas caixas com negativos revelados guardados. A fotografia vernacular está presente em todas as casas que ainda guardam lembranças de uma época em que as fotografias eram arquivadas e bem conservadas para o “futuro” e se caracterizam por ter esse aspecto amador de quem só quer fazer registros sem pensar em técnicas ou composições.

As fotografias tinham o valor inestimável do registro, das lembranças e dos laços criados pelos momentos. As fotos eram feitas em reuniões, aniversários, nascimentos,



comemorações entre outros. Todas com diversos personagens de família, amigos entre outros. Eram poucas imagens por filme e cada foto só era mostrada após o processo de revelação do filme e ampliação. O fácil acesso ao material possibilitou uma rápida adesão à mesma. Em qualquer banca de revistas se achavam filmes dos mais variados tipos – destaque para o formato 135 ou 35mm, mais comum pela praticidade de uso – com as opções de número de “poses”, geralmente 12,24 e 36 poses.

Nos anos 80 surgiram as primeiras câmeras digitais que resultaram no declínio considerável das analógicas. Fabricantes anunciavam fechamento das fábricas e suprimentos que antes eram comercializados facilmente sumiam das prateleiras das lojas.

No momento atual, a fotografia é vista com duas faces: a adaptação às novas tecnologias e seus instrumentos de deturpação e o pelo julgamento à manutenção do digital e não preservação da analógica. Em seu artigo sobre a passagem da fotografia do papel para a fotografia digital intitulado *Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital*, Erivam Morais de Oliveira (2006), Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP diz: “Há problemas de ordem ética e estética envolvendo a fotografia analógica e digital, há argumentos graves e preocupantes para todos os que buscam a ética e a verdade(...)”. A banalização da fotografia é preocupante. Não se guardam mais memórias com tanto apressado, a fotografia se torna cada dia mais descartável. Não existe evolução sem perda, porém não podemos esquecer das “novas-velhas” analógicas.

AS PERIPÉCIAS DE FATO

A minha experiência com as analógicas começou com a escolha da câmera conseguida por um empréstimo na faculdade. Com uma Nikon FM10, câmera reflex com lente fixa de 50mm (a mais manual das disponíveis) e os filmes dois Kodak UltraMax ASA 400 e um Kodak UltraColor ASA 200 associada a muita curiosidade comecei a me aventurar em um mundo até então novo, afinal só conhecia o outro lado da câmera, o de assunto a ser registrado. Foram 108 poses ao todo. Queimei todas. Mas só 89 poses não ficaram super ou subexpostas. Consegui assimilar muito bem o manuseio, tanto no ato de colocar o filme, na regulagem da câmera (ISO de acordo), diafragma, obturador e no rebobinar do filme. A dificuldade para encontrar fornecimento de material e recursos para o uso da fotografia analógica (basicamente compra e filmes e revelação) é a ocorrência do momento. Na fotografia analógica, o processo é manual e instintivo e as maiores



dificuldades são com: manuseio, custo e conservação já citadas. Sobre o trabalho, levando em consideração a temática da fotografia vernacular e me aventurando no recurso das analógicas, algumas imagens resultantes do primeiro contato seguem:



Foto 1. *Ruído*
Acervo Pessoal



Foto 2. *A recepção*
Acervo Pessoal

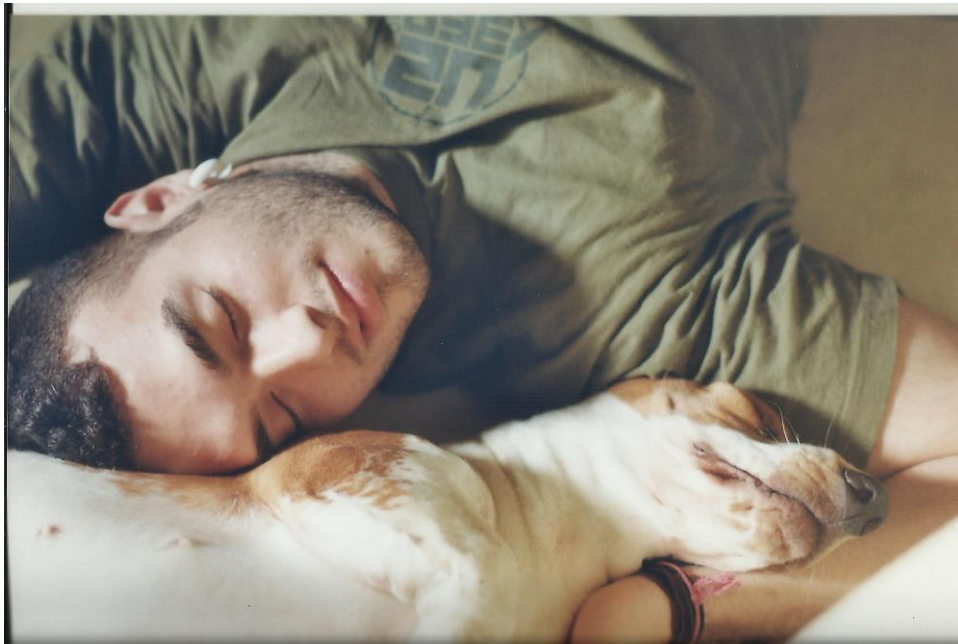


Foto 3. *Sereno*
Acervo Pessoal



Foto 4. Mãe com açúcar
Acervo Pessoal



Foto 5. *Transparência*
Acervo Pessoal

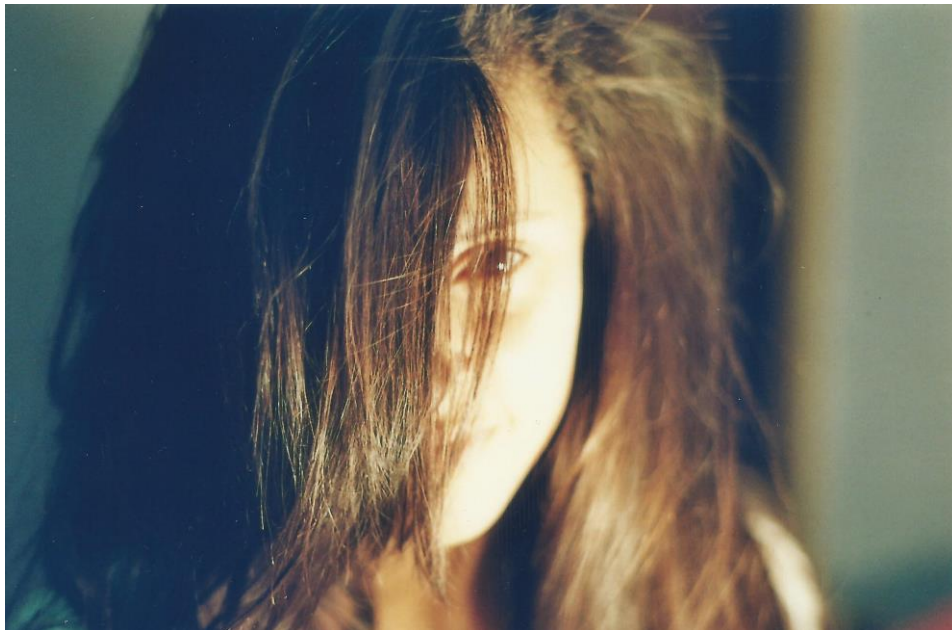


Foto 6. *Tinhosa*
Acervo Pessoal



Foto 7. *Ringo Star*
Acervo Pessoal



Foto 8. *Dos meus olhos...*
Acervo Pessoal



Foto 9. *O início do fim*
Acervo Pessoal

CONCLUSÃO

A qualidade proporcionada pelo tradicional aliada ao nostálgico levam a um caminho quase que viciante. A descoberta de um mundo cheio de desafios, como o da fotografia analógica, faz refletir acerca da valorização. Um filme de 36 poses era usado da melhor forma possível e da maneira mais cautelosa, afinal eram só 36 poses. O digital veio para fragmentar o valor anexo à fotografia de memória, registro e/ou documento. Dobrar a extremidade do filme, encaixar na câmera, rebobinar, aguardar a revelação e finalmente olhar o resultado nas ampliações: o prazer atado ao receio de falhar. Experiência que deveria ser vivenciada por todos antes de qualquer contato com as câmeras digitais.

REFERÊNCIAS

BRAUNE, Fernando. **O surrealismo e a estética fotográfica**. Rio de Janeiro: 7letras, 2000.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**, 2. ed., São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

HACKING, Juliet. **Tudo sobre fotografia**, 1. ed., Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papyrus, 2004.



FATORELLI, Antônio. **Passagens da Fotografia**. Rio de Janeiro: Senac, 2005.

OLIVEIRA, Erivam Moraes de. **Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital**. Biblioteca on-line de ciências da comunicação. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogica-fotografia-digital.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

MORLEY, Don. **O Fascinante Livro da Fotografia**. 2. ed. São Paulo: Edições Siciliano, 1897.

ASSOULINE, Pierre. **Henri Cartier-Bresson: O olhar do século**. Tradução de Julia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2012.

MARTINS, Nelson. **Fotografia – Da Analógica a Digital**. Rio de Janeiro: Senac Nacional em parceria com Senac Rio, 2010.

TOSETTO, Guilherme. **Fotógrafo registra demolição de fábricas de material fotográfico: Robert Burley acompanha a decadência da indústria tradicional de foto. Livro mostra demolições e edifícios de material fotográfico abandonados**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/11/fotografo-registra-demolicao-de-fabricas-de-material-fotografico.html>>. Acesso em: 21 mar. 2014.